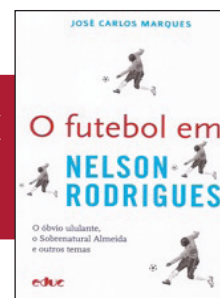


Futebol, política e religião: a vingança do reacionário

Resenha: MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues. O óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. 2. ed. São Paulo: Educ, 2012. 194p. ISBN: 978-85-283-0446-6.



TOLEDO, Luiz Henrique de

Quem, já fatigado, nunca disparou em meio a pelepas verbais intermináveis com os amigos a frase decisiva e um tanto retranqueira, *Futebol, política, religião não se discutem*, na vã tentativa de dar cabo da artilharia contrária?

Que potências misteriosas guardariam tal frase que atravessa nossos tempos e que, ao expressar a vontade sincera de alguém ansioso por encerrar uma discussão perdida numa acirrada conversa de boteco, acaba por produzir efeitos contrários, inflamando ainda mais as tomadas de posição dos demais interlocutores? Por que, ao afinal das contas, ao se supor o término da discussão proferindo tal máxima, muitas vezes o resultado acaba trazendo à tona e escancarando ainda mais posições ideológicas, ou convicções íntimas da fé ou ainda paixões clubísticas feéricas? E por que, ao final das contas, futebol, religião e política apareceriam como regiões intocáveis, verdadeiros tabus, que habitariam nossa subjetividade? Há algo de sacralizado em toda a frase.

A política consiste na arena pública por excelência onde se dão os embates permanentes sobre as convicções que continuamente elaboramos e as-

severamos sobre as ideias e ideais de nação, prática intermitente na história brasileira; a religião escancara a diversidade onde se contrapõem, se amalgamam e se fundem expressões religiosas as mais diversas, fruto das peculiaridades na formação de um país feito mestiço desde os tempos da colonização. Clamamos a intervenção dos santos e pastores por dias melhores, porém, mais do que essa demanda, convivemos com eles num pacto cultural assimétrico que não deixa de ser um exercício político posto a serviço das nossas convicções inabaláveis. Por fim, o que nos detém nesse texto, o futebol, consiste num fenômeno lúdico que se transformou num megaevento universal a enfeixar vontades torcedoras arrebatadas por milhares de clubes de futebol que compõem um mosaico de paixões a sociabilidade, dando alguns dos contornos mais nítidos do jeito de ser de um povo, de suas expressões estéticas, de seus manejos plásticos da língua, dos trejeitos corporais que se multiplicaram em expressividades que foram além das quatro linhas originalmente destinadas à prática daquele que em alguns países simplesmente recebe a denominação de esporte.

Nessa frase tão popular quanto profunda, estamos diante das potências simbólicas mais arrebatadoras que fazem – e tomo de empréstimo e modifico um título de livro do antropólogo Roberto Da Matta – o Brasil, Brasis. Profunda porque a uma penada parece totalizar o universo cultural que chega às nossas soleiras e invade nossa privacidade, salientando algumas das dimensões mais cruciais da experiência de ser brasileiro. Experiência e aventura tão bem capturadas por autores como Nelson Rodrigues em sua prosa visceral, agora dissecada por José Carlos Marques, que se põs a investigar outro Nelson, o míope, porém, visionário cronista esportivo que arrebatou tantos e tantos leitores.

José Carlos Marques mostrará que, para Nelson Rodrigues, o futebol está muito além dessa definição tecnicista, cientificista e empobrecedora porque não traça os melhores contornos do modo como clamamos por nosso jogo maior. Aqui, pois, o futebol instiga, mistura e convive com tantas outras dimensões da cultura, do político, do religioso. Apresenta-se, portanto, não como mais um esporte, mas peleja que se transforma num jogo da vida, daí a profundidade popular que o realoca numa frase tão sintética como aquela, tornando-o tão decisivo para a nossa existência quanto o governo dos homens e o governo dos deuses. Ao lado da política e da religião, portanto, se insistirmos em desvendar tal máxima, o futebol apareceria formando uma espécie de *trindade cultural nacional*.

Mas o futebol pode ser tomado ainda como o governo da vontade popular. Vontade estética, corporal e existencial do homem comum que dita parte dos rumos da cultura e da ideia de nação dominada por poderosos representantes dos céus e da terra.

Certamente, ninguém ousaria preferir adaptações da máxima, tais como *Política, religião e vôlei não se discutem*, em que pese importantíssima adesão popular conquistada por essa outra modalidade na história esportiva recente do país. Porque não se trata apenas de popularidade, algo facilmente mensurado em estatísticas expressas na frieza dos números. O futebol organiza, classifica simbolicamente, dinamiza a sociabilidade, produz continuamente as formas de adesão que invadem nosso cotidiano, nossa linguagem, nossa música, nosso gosto em dispor palavras e coisas, nossas formas de religiosidade e constitui, por fim, uma das linguagens da grande política travada pelo e no país.

O legado do futebol no Brasil já está alinhavado no domínio popular, tal como assevera a aludida máxima, mas poucos como Nelson Rodrigues, aqui

protagonista da escrita atenta de José Carlos Marques, deram tanta vazão e visibilizaram no fluxo da memória escrita tamanha vontade que, dispersa no cotidiano, poderia ainda suscitar alguma dúvida em relação à sua importância. Nelson soube reposicionar os rumos de uma cultura e celebrar um modo de viver inscrito na óbvia relação entre povo e futebol. E José Carlos Marques mostrará nesse livro como o tricolor Nelson atçou todas as dimensões vislumbradas num jogo a partir do esmero da narrativa, ateando ainda mais fogo ao rico simbolismo cultural emanado pelo futebol no Brasil.

O livro segue um movimento que parte do futebol como fato cultural para se centrar num recorte mais particular, o conjunto criterioso e expressivo de crônicas recolhidas pelo autor, e retorna para a argumentação mais geral que, por fim, reposiciona as crônicas esportivas rodrigueanas no registro mais expressivo e elevado dos fenômenos culturais brasileiros, donde aflora um particular nacionalismo – muitas vezes e mecanicamente tomado por reacionário.

O futebol, cuja onipresença na sociedade brasileira se faz notar por inúmeras manifestações populares – e mais tardiamente eruditas, sobretudo, pela intelectualidade acadêmica, possivelmente uma das últimas frações da intelectualidade a redescobrir o futebol como fenômeno relevante – impacta Nelson desde sua infância. E a força de persuasão de suas crônicas, faz notar José Carlos, estão ancoradas num desequilíbrio mais estrutural e histórico, conceitualmente definido no livro como de longa tradição barroca, e que descortina o embate sem solução de continuidade entre razão e emoção.

Razão e emoção que se engalfinham em vários níveis: primeiro, dentro da própria fatura mais geral da escrita rodrigueana, revelada com ineditismo por José Carlos a partir de uma bela análise semiológica das crônicas esportivas e, segundo, enunciando temas sociológicos ancorados em várias outras dicotomias, tais como esporte e jogo, futebol força e futebol arte, amadorismo e profissionalismo, mas também profano e sagrado, objetividade e subjetividade, tradição e modernidade, individualidade e coletividade, progressista e reacionário, e a já citada popular e erudito.

A análise realizada com vivacidade por José Carlos revela todo o potencial expressivo desse desequilíbrio na profusão de figuras de linguagem como metáforas, metonímias, hipérbolos que exageram e, por vezes, erotizam a narrativa esportiva. Daí o turbilhão quase descontrolado de imagens que com-

põem a opção deliberada de Nelson pelo conotativo, enfatiza José Carlos, esse, aí sim, subversivo e transgressor recurso de escrita que incomoda a objetividade administrativa jornalística, mas cujo resultado acaba oferecendo ao leitor um modo de ler e perceber o futebol pelas lentes de uma grande angular, tornando-o ainda mais espetacular. Nelson promove um reles jogo em acontecimento extraordinário: jogadores se tornam titãs, a bola ganha subjetividade, o óbvio se torna singular, estádios ganham personalidade, partidas se elevam à condição de sagas mitológicas, instauram-se atemporalidades num esporte que, por força das regras, está confinado aos 90 minutos.

E ao enunciar tais dicotomias dentro de uma tradição barroca impregnada de desequilíbrios, artificialismos e oximoros, José Carlos vai mostrando que Nelson, ao mesmo tempo, parece escapar a todas elas na medida em que inverte ou simplesmente brinca com suas valências valorativas, tal como faz notar o autor quando mostra que certas conveniências ditam seus argumentos que ora pendem para a emoção, ora para alguma razão. Exemplo claro disso é o modo como desdenha da tecnologia (o videoteipe, mas, sobretudo daqueles que fazem contínua e irrefletida apologia das técnicas para verificar a ocorrência de certas jogadas controversas), mas também, e por conveniência, reivindica-o para afirmar sua percepção que, de resto, é sempre guiada por sua apreensão subjetiva. Não importam os fatos e suas versões, mas o jogo assimétrico e contraditório que se instaura na relação entre eles, dá a falação interminável sobre uma partida porque,

acima de tudo, em Nelson o futebol parece alcançar a narrativa mais sublime da eternização da controvérsia, razão última da apreciação estética das grandes jogadas, dos gols impossíveis, dos placares improváveis.

O infinitesimal e o singular é que interessam, desconfia-se do coletivo, da ordem e do normativo, seja de direita ou de esquerda, pois Nelson desdenhou das patrulhas políticas, esportivas ou religiosas. E se reivindicou algum arroubo revolucionário foi justamente para recolocar o homem comum e sua sabedoria na fatura de sua prosa renovada. E se ainda, por motivos técnicos e táticos, tais singularidades (que não precisam necessariamente ser as jogadas) não brindarem uma partida, a narrativa se incumbem de inventá-las para bem do próprio jogo. E se nada de interessante ocorrer numa peleja que seja digno de nota, apela-se para a cusparada metafísica, convoca seres imaginados, tais como o Sobrenatural de Almeida, joga-se na trama da intertextualidade a convidar um Cervantes, um Camões, um Dostoievsk e tantos outros titãs da literatura para jogarem conosco e nas bases de nossa brasileira sabedoria vinda dos pés, um jogo decisivo e demasiado humano.

Enfim, todo esse universo rodrigueano e sua potência narrativa são oferecidos por José Carlos Marques num texto tão leve quanto denso, recheado de bons *insights* que nos convida a retornar, sempre, aos jogos que nunca vimos, às jogadas que nunca fizemos nos campinhos e arrebaldes, ao segundo tempo daquela partida que jamais terminou com o trilar que saiu da boca de um árbitro.

Luiz Henrique de Toledo é antropólogo, professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social e coordenador do Laboratório de estudos das práticas e sociabilidade (LeLuS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: <kikeppgas@gmail.com>.

Recebido para avaliação em março de 2013. Aprovado para publicação em maio de 2013.